



A ERA DO CONHECIMENTO E AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Vivemos na Era em que o conhecimento sofre de forma profunda uma valorização. As exigências empresariais estão cada vez mais criteriosas no que diz respeito à bagagem de conhecimento que o empregado adquiriu e como esse conhecimento é usado por ele.

Segundo alguns autores, ocorre uma tendência de desespecialização, de forma que, constatada um resgate de qualidades desprezadas pela ciência convencional. O pensamento científico calcado no cartesianismo e na racionalidade instrumental guiou hegemonicamente a construção dos saberes de nossa sociedade industrial, porém, principalmente, pela introdução do conhecimento ambiental que por essência é transdisciplinar e interdisciplinar, timidamente, o pensamento disjuntivo é desbancado.

A complexidade das situações exige a busca por uma visão holística dos problemas em que as dimensões sociais, ambientais, políticas e culturais devem ser consideradas. Dessa forma, baseado na teoria de E. Morin, o conhecimento caminha para o avanço do pensamento complexo.

Qualidades como a emotividade e integralidade ganham importância no meio empresarial, requisitos indispensável para o perfil de intra-empresendedor. Aquele empregado de pensamento inovador que trará ganhos significativos para a organização na qual ele se insere.

Assim, saberes tradicionais, científicos e oriundos da experiência são equivalentes acerca de sua contribuição para a construção do

conhecimento, sendo ainda, segundo E. Morin, um espiral que perpassa pela externalização, combinação, internalização e socialização, etapas que respectivamente abrangem a produção dos mais diversos saberes seguindo uma passagem do conhecimento tácito – aquele proveniente da experiência individual – para o explícito – o conhecimento tácito parcialmente transferido através de um canal.

A sociedade segue uma complexidade do conhecimento que impõe as universidades uma responsabilidade em se desvencilhar dos moldes cartesianos e provincianos da epistemologia.

As mudanças climáticas têm constituído um ponto destacado de discussão e pesquisa, levantando polêmicas dentro dos debates ambientais: seriam elas catástrofes derivadas de ações antrópicas ou consequências naturais? Bons argumentos são apresentados por partidários de ambos os lados e, assim, tendemos a ficar confusos e estagnados, sem saber em que acreditar.

Talvez a solução para a estagnação seja uma mudança de foco! Afinal, já que não sabemos se a modificação de nossas atitudes é capaz de conter, por exemplo, o avanço do efeito estufa, que a façamos em prol dos trabalhadores mantidos em condições similares à escravidão, das populações que têm os recursos naturais de seus países devastados, das diversas formas de vida que não são respeitadas. Independentemente da diminuição

da produção de determinado artigo contribuir, ou não, para a não elevação da temperatura global, se trabalhadores são explorados, se bens naturais estão sendo esgotados, se outros seres têm suas vidas ameaçadas por conta da produção extensiva do mesmo, é necessário reduzi-la.

Contudo, dar enfoque a catástrofes ambientais - e a possível responsabilidade humana por provocar as mesmas - parece ser mais vantajoso, sob um ponto de vista econômico, do que estimular reflexões morais e éticas acerca de injustiças socioambientais. Vejamos: se uma empresa passa a investir na produção de carros "eficientes", dizendo objetivar a redução das emissões de gases de efeito estufa realizadas pelos convencionais, ela pode lucrar com a venda desses. No entanto, se a empresa resolve diminuir a duração abusiva das jornadas de trabalho de seus empregados, é provável que, em um primeiro momento, isto afete sua arrecadação de lucros.

A importância do estudo das mudanças climáticas é inegável. Pesquisar e estudar os processos envolvidos e, certamente, avaliar a significância da nossa contribuição para as mesmas é de grande valia. Todavia, não devemos deixar que a preocupação como essas - as quais, talvez, fujam de nosso controle - abafe outras questões imediatamente relevantes para o bem estar da vida.